



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Coordenação de Psicologia

**A Influência do Estilo Parental Autoritário no Desenvolvimento:
Uma Revisão Narrativa**

Andressa Moraes Ferreira

Sara Gomes de Carvalho Franco

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Cristina Campos

Goiânia, maio de 2026.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Coordenação de Psicologia

**A Influência do Estilo Parental Autoritário no Desenvolvimento:
Uma Revisão Narrativa**

**Andressa Moraes Ferreira
Sara Gomes de Carvalho Franco**

Estudo apresentado como requisito
para conclusão da Disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso II
do curso de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica
de Goiás.

Professora: Dr.^a Daniela Cristina
Campos.

Goiânia, maio de 2026.

Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD

Curso de Psicologia

Eixo: Integração e Prática

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II

Professor(a): Dr.ª Daniela Cristina Campos

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO**

No dia 08 / 06 / 2026, às 8.30 horas, o (a)(s) estudante(s)

Andressa Mendes Ferreira; Izara Gomes de Carvalho Franco

do curso de **Psicologia** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, o trabalho intitulado

"A Influência do Estilo Parental Autoritário no Desenvolvimento:
Uma Revisão Narrativa"

para a Banca de Avaliação composta pelos (as) docentes:

Professora Dr.ª Daniela Cristina Campos; Professora Ma. Jordana Bastião da Cunha; Psicóloga Especialista Damiana Estela Alves

O trabalho da Banca de Avaliação foi conduzido pelo (a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 20 minutos ao (a) estudante (a) para que este (a) expusesse o trabalho. Após a exposição, o (a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o (a) estudante. Após o encerramento das arguições, a Banca de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do (a) estudante na exposição, considerada a trajetória deste (a) no desenvolvimento do TCC. Como resultado da avaliação, a Banca de Avaliação deliberou pela:

☒ **Aprovação;**

☐ **Aprovação, condicionado às correções recomendadas pelos membros da banca;**

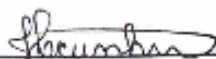
☐ **Reprovação.**

Aprovação, condicionada às correções recomendadas pelos membros da banca:

A Banca de Avaliação conclui que o(a) estudante está **APROVADO(A)** condicionado às correções de forma e/ou conteúdo recomendados. As correções deverão ser indicadas no formulário de Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso. O(A) estudante terá o prazo de 7 dias para os ajustes e entrega da versão final ao professor (a) orientador (a), contado a partir da data da sessão de apresentação pública do TCC.



Professor(a) Orientador (a) - Presidente



Professor(a) Convidado (a) – Avaliador (a)



Professor(a) Convidado (a) – Avaliador (a)

Resumo

Este estudo investigou a influência do estilo parental autoritário na formação de crenças e no desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico na vida adulta. O objetivo foi analisar como práticas parentais marcadas por rigidez, controle excessivo e baixa responsividade emocional podem impactar o desenvolvimento emocional, cognitivo e comportamental dos indivíduos ao longo do ciclo vital. O método adotado foi uma revisão narrativa de literatura, de caráter descritivo e qualitativo, que resultou na análise de dezesseis artigos científicos publicados entre 2016 e 2025, a partir de pesquisas no Portal de Periódicos da CAPES. Os resultados indicaram que o estilo parental autoritário, caracterizado pelo controle excessivo, rigidez disciplinar e baixa responsividade emocional, está associado a prejuízos na autonomia emocional e cognitiva, favorecendo insegurança, ansiedade, baixa autoestima e dificuldades relacionadas ao pensamento crítico e à capacidade reflexiva. Além disso, observou-se que ambientes familiares marcados pela limitação do diálogo e pela invalidação emocional podem contribuir para a formação de crenças centrais disfuncionais e Esquemas Iniciais Desadaptativos, cujas repercussões podem permanecer na vida adulta. No entanto, também foi possível identificar que existem lacunas na literatura quanto à ausência de estudos que integrem diretamente os estilos parentais às abordagens da Terapia Cognitivo-Comportamental e Terapia do Esquema na compreensão do desenvolvimento do pensamento crítico, sugerindo um campo a ser mais explorado.

Palavras-chave: *Crenças Centrais; Estilo Parental Autoritário; Pensamento Crítico; Terapia Cognitivo-Comportamental; Terapia do Esquema.*

Abstract

This study investigated the influence of the authoritarian parenting style on the formation of beliefs and the development of autonomy and critical thinking in adulthood. The objective was to analyze how parenting practices characterized by rigidity, excessive control, and low emotional responsiveness may impact individuals' emotional, cognitive, and behavioral development throughout the lifespan. The method adopted was a descriptive and qualitative narrative literature review, which resulted in the analysis of sixteen scientific articles published between 2016 and 2025, based on research conducted through the CAPES Journal Portal. The results indicated that the authoritarian parenting style, characterized by excessive control, rigid discipline, and low emotional responsiveness, is associated with impairments in emotional and cognitive autonomy, contributing to insecurity, anxiety, low self-esteem, and difficulties related to critical thinking and reflective thinking. Furthermore, it was observed that family environments marked by limited dialogue and emotional invalidation may contribute to the formation of dysfunctional core beliefs and Early Maladaptive Schemas, whose repercussions may persist into adulthood. However, it was also possible to identify gaps in the literature regarding the absence of studies that directly integrate parenting styles with Cognitive-Behavioral Therapy and Schema Therapy approaches in understanding the development of critical thinking, suggesting a field that requires further investigation.

Keywords: *Core Beliefs; Authoritarian Parenting Style; Critical Thinking; Cognitive Behavioral Therapy; Schema Therapy.*

Sumário

Introdução.....	06
Método	13
Resultados e Discussão.....	15
Considerações Finais.....	27
Referências.....	30

Introdução

A família constitui o núcleo primário de interação social e exerce papel fundamental no desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos indivíduos, especialmente por meio das práticas educativas e dos estilos parentais estabelecidos nas relações entre pais e filhos (Böing & Crepaldi, 2016; Chaves, 2023; Silva et al., 2020). Nesse sentido, a função exercida pelo papel da família se torna essencial na construção da identidade do indivíduo, estruturando valores, crenças e padrões comportamentais que o orientarão em seu desenvolvimento futuro. (Silva et al., 2020).

No ambiente familiar são estabelecidas as primeiras relações de confiança, cooperação e pertencimento, que servirão de base para o modo como o sujeito se vinculará socialmente em etapas posteriores da vida. O grupo familiar, portanto, não atua apenas como um espaço de convivência, mas também como um sistema dinâmico em que cada membro exerce influência sobre os demais, criando uma rede de interações que molda a percepção que o indivíduo tem de si e do outro. Esse processo de internalização de valores, normas e afetos é contínuo e impacta diretamente sobre o modo como o indivíduo interpreta o mundo, reage a adversidades e constrói sua autonomia emocional e cognitiva (Chaves, 2023).

A importância dessas interações iniciais é amplamente discutida por teóricos do desenvolvimento. Segundo Érica Cristina Braga Chaves (2023), ao discutir as contribuições de Jean Piaget (1999), destaca que a compreensão do desenvolvimento humano pode ser ampliada a partir da relação entre afetividade e inteligência. De tal maneira, esses dois aspectos são “indissociáveis e complementares” em todas as ações do indivíduo, o que reforça a importância do ambiente familiar como espaço inicial onde tais dimensões se articulam (Chaves, 2023).

Desde a primeira infância, correspondente ao estágio pré-operatório do desenvolvimento cognitivo descrito por Piaget, aproximadamente entre os 2 anos e os 7 anos

de idade, as interações estabelecidas com os cuidadores influenciam não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a construção dos vínculos afetivos e dos primeiros referenciais morais, marcados pela obediência e pelo respeito unilateral às figuras parentais (Chaves, 2023). À medida que a criança avança para a segunda infância, correspondente ao estágio das operações concretas, que abrange aproximadamente dos 7 aos 12 anos, observa-se uma transformação dessas relações, com o surgimento do respeito mútuo e de sentimentos morais mais autônomos, evidenciando o papel das experiências sociais na consolidação da afetividade (Mota & Ferreira, 2019).

Já na adolescência, período que corresponde ao estágio das operações formais, iniciado por volta dos 12 anos, esse processo ganha maior complexidade, caracterizado pela formação da personalidade, elaboração de projetos de vida e pelo engajamento em ideais, aspectos profundamente influenciados pelas bases afetivas e cognitivas construídas no contexto familiar (Mota & Ferreira, 2023). Assim, a família não apenas inaugura as primeiras experiências emocionais e sociais, como também sustenta, ao longo do desenvolvimento, a integração entre afetividade e inteligência, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de interpretar, sentir e agir de maneira autônoma no mundo (Chaves, 2023).

De maneira complementar, Wallon e Vygotsky também reforçaram o papel central das relações afetivas e sociais no desenvolvimento humano a partir do contexto familiar. Segundo as ideias de Wallon (1989) discutidas por Chaves (2023), a afetividade constitui a base do processo de ensino e aprendizagem, ocorrendo por meio dos vínculos emocionais estabelecidos desde os primeiros momentos de vida em que a criança inicia sua interação com o mundo. Nesse cenário, a família se apresenta como o primeiro espaço de construção desses vínculos, onde o bebê comunica suas necessidades por meio das emoções, mobilizando o cuidado e estabelecendo as bases para o desenvolvimento cognitivo. Diante disso, é o vínculo

afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a fase inicial do processo de aprendizagem.

Adicionalmente, Érica Cristina Braga Chaves (2023), ao discutir as contribuições de Vygotsky (1998; 2004), destaca que o desenvolvimento humano é essencialmente mediado pelas relações sociais, de modo que a interação com o outro se torna fundamental para a constituição das funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, o ambiente familiar atua como agente ativo na formação do indivíduo, oferecendo instrumentos culturais, afetivos e simbólicos que são internalizados ao longo do desenvolvimento humano.

Entre esses instrumentos, a linguagem e o diálogo ocupam papel central, uma vez que possibilitam que a criança organize suas experiências e elabore suas emoções, mediando o desenvolvimento da consciência e da autorregulação. Assim, quando a criança é privada de um ambiente dialógico, suas oportunidades de elaborar simbolicamente as próprias emoções e construir argumentos podem ser reduzidas, o que pode comprometer processos relacionados à capacidade reflexiva e empatia (Silva et al, 2023).

Ambientes familiares que promovem a escuta ativa, diálogo e validação emocional tendem a favorecer processos relacionados à autoconfiança, à argumentação e à reflexão sobre as próprias experiências, aspectos que contribuem para a construção progressiva da autonomia cognitiva e do pensamento crítico (Barbosa et al., 2017; Mota & Ferreira, 2019; Noronha & Batista, 2017). De tal modo, é imprescindível a análise das experiências familiares na compreensão de como a identidade, a autonomia e o comportamento social dos indivíduos são moldados ao longo do desenvolvimento, influenciando também a tomada de decisões na adolescência, juventude e vida adulta (Barbosa et al., 2017; Mota & Ferreira, 2019; Mota & Ferreira, 2023), o que evidencia a relevância das experiências familiares na formação de padrões cognitivos e na capacidade de reflexão crítica dos indivíduos.

Essas influências familiares são operacionalizadas por meio das práticas e dos estilos parentais. As práticas parentais referem-se às estratégias utilizadas pelos pais na educação e interação com os filhos, podendo assumir caráter positivo ou negativo, enquanto os estilos parentais dizem respeito ao clima emocional mais amplo no qual essas práticas ocorrem (Barbosa et al., 2017; Heinen et al., 2025). Outra definição também traz que os estilos parentais correspondem ao “conjunto de atitudes direcionadas às crianças que são comunicadas a elas e que criam um clima emocional no qual os comportamentos parentais são expressos” (Darling & Steinberg, 1993, como citado em Barbosa et al., 2017).

Conforme discutido por Silva et al. (2020), os estudos sobre estilos parentais ganharam destaque a partir da década de 1960 com as contribuições de Diana Baumrind, sendo posteriormente ampliados por Maccoby e Martin. Nesse contexto, foram descritos quatro principais modelos de estilos parentais: autoritativo, permissivo, negligente e autoritário, diferenciados pelos níveis de exigência, controle e responsividade presentes nas relações entre pais e filhos. Entre esses modelos, o estilo parental autoritário assume especial relevância para este estudo, permitindo discutir como determinadas formas de autoridade familiar podem se relacionar à construção da autonomia e das crenças pessoais ao longo do desenvolvimento.

Seguindo essas definições, o estilo parental autoritativo, é caracterizado por ações de orientação e exigências com base nas capacidades cognitivas e emocionais dos filhos, incentivando o diálogo e favorecendo a participação da criança nas tomadas de decisões. Por isso, há altos níveis de exigência e responsividade, existindo um equilíbrio entre ambos. (Silva et al., 2020; Chaves, 2023).

Já o estilo parental permissivo se caracteriza por tomadas de atitudes permissivas, com comportamentos não punitivos, mas, com aceitação direta dos desejos da criança, de maneira que ela mesma age por conta própria e dita suas regras. Logo, há a associação de um

baixo nível de exigência parental e um elevado nível de responsividade, incluindo atitudes tolerantes e afetivas dos pais. (Silva et al., 2020; Chaves, 2023).

Por sua vez, o estilo parental negligente apresenta baixos níveis de exigência e responsividade, sendo marcado por reduzido envolvimento parental, pouca supervisão, baixo suporte emocional e limitada participação ativa na vida dos filhos (Silva et al., 2020).

Por fim, o estilo parental autoritário é caracterizado por elevado controle, regras rígidas, baixa responsividade emocional e pouca abertura ao diálogo, podendo envolver práticas punitivas como forma de regulação do comportamento dos filhos. Portanto, há pouca estimulação da autonomia e menor abertura para que as opiniões dos filhos sejam consideradas. Neste modelo, os pais tentam controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança em concordância com um conjunto padrão de referência de conduta. (Silva et al., 2020; Chaves, 2023).

Diante desse contexto, é fundamental considerar como as práticas parentais específicas influenciam diretamente no desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere aos impactos observados a curto prazo, com repercussões significativas já na infância. Nesse período, evidenciam-se efeitos relacionados ao desenvolvimento emocional, comportamental e comunicativo, fortemente influenciados pela qualidade das interações e da comunicação estabelecidas no contexto familiar (Silva et al., 2023).

Práticas parentais positivas, caracterizadas por responsividade, monitoria adequada, comunicação e sensibilidade às necessidades da criança, estão associadas ao desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação e comportamentos pró-sociais (Cardoso & Quevedo, 2021; Schapuis & Toni, 2022; Silva et al., 2023). Em contrapartida, práticas negativas ou coercitivas, como punição inconsistente, negligência, abuso físico, monitoria negativa e baixa responsividade, relacionam-se a maiores dificuldades emocionais e comportamentais na infância (Heinen et al., 2025; Schapuis & Toni, 2022).

Tais evidências indicam que as experiências precoces no ambiente familiar desempenham papel central na organização do repertório comportamental e emocional da criança. No médio prazo, especialmente durante a adolescência e o início da vida adulta, os estilos parentais continuam a exercer influência no desenvolvimento da autonomia, das competências sociais e do ajustamento psicológico. Relações familiares marcadas pelo equilíbrio entre exigência e responsividade favorecem a construção da autonomia adolescente, enquanto estilos parentais mais democráticos se associam positivamente a competências como empatia, assertividade e autocontrole (Barbosa et al., 2017; Mota & Ferreira, 2019).

Por outro lado, práticas parentais permissivas ou coercitivas tendem a associar-se a prejuízos nessas competências, dificultando o desenvolvimento socioemocional dos indivíduos (Mota & Ferreira, 2019). Além disso, os estilos parentais também se mostram relevantes na construção da resiliência, de modo positivo ou negativo, a depender da qualidade das interações familiares e das características individuais dos sujeitos (Mota & Ferreira, 2023).

A longo prazo, os impactos dos estilos parentais tendem a se consolidar na estruturação da personalidade e na formação de esquemas cognitivos. Sendo assim, experiências familiares precoces podem contribuir para o desenvolvimento de esquemas iniciais desadaptativos, que influenciam padrões de pensamento, emoção e comportamento ao longo da vida, repercutindo, inclusive, no contexto profissional e nas relações interpessoais (Bordman et al., 2019; Oliveira et al., 2023).

Destaca-se, ainda, o caráter transgeracional dos estilos parentais, uma vez que práticas educativas tendem a ser influenciadas pelas experiências vividas pelos próprios cuidadores em sua infância, podendo ser reproduzidas ou modificadas ao longo das gerações (Silva et al., 2020). Dessa forma, compreende-se que os estilos parentais exercem influência contínua e

duradoura no desenvolvimento humano, configurando-se como um dos principais fatores na constituição do funcionamento psicológico ao longo do ciclo vital.

Neste estudo, o pensamento crítico é compreendido como uma capacidade relacionada à autonomia cognitiva, à reflexão sobre as próprias crenças, à argumentação, à tomada de decisão e ao posicionamento diante de situações sociais e figuras de autoridade. Embora os artigos analisados não investiguem diretamente esse constructo como variável principal, eles permitem compreendê-lo de forma indireta a partir de elementos associados à autonomia, à comunicação, à responsividade parental, às competências sociais e às forças de caráter (Barbosa et al., 2017; Mota & Ferreira, 2019; Noronha & Batista, 2017; Silva et al., 2023).

A realização deste estudo justifica-se pela relevância científica e social das práticas parentais, considerando sua influência no desenvolvimento emocional, comportamental e cognitivo dos indivíduos. Evidências da literatura apontam que as interações familiares podem exercer papel protetivo ou representar fatores de risco, impactando desde habilidades socioemocionais até a formação de padrões cognitivos duradouros. Nesse sentido, compreender esses efeitos contribui para o avanço da Psicologia, especialmente na identificação de variáveis associadas ao desenvolvimento saudável e aos desajustes psicológicos.

Além disso, o estudo possui relevância prática ao subsidiar intervenções psicológicas e práticas educativas, especialmente no âmbito da Terapia Cognitivo-Comportamental e da Terapia do Esquema, que consideram a influência das experiências precoces na formação de esquemas cognitivos. Dessa forma, a pesquisa pode contribuir para a atuação profissional e para a conscientização de pais e cuidadores.

Objetivou-se analisar a influência do estilo parental autoritário na formação de crenças e no desenvolvimento do pensamento crítico ao longo do ciclo vital. Mais

precisamente, buscou-se caracterizar os principais estilos parentais descritos na literatura científica, sobretudo o estilo parental autoritário, além de descrever seus impactos no desenvolvimento infantil, analisar suas influências na adolescência e juventude e investigar suas repercussões na vida adulta.

Método

O presente estudo constitui-se como uma revisão narrativa de literatura que, segundo Cavalcante e Oliveira (2020), permite uma descrição ampla sobre determinado assunto, contribuindo para a atualização rápida dos estudos sobre uma temática, embora não tenha como objetivo esgotar fontes de informação ou seguir uma análise sistemática dos dados. Para a pesquisa, foi utilizado o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como base científica de dados, com a realização de pesquisas durante os meses de fevereiro e março de 2026, acerca do tema abordado e outros aspectos semelhantes.

Foram realizadas seis pesquisas centrais, com o uso de palavras-chave incluindo principalmente “Estilos Parentais”, “Saúde Mental”, “Adultos”, “Desenvolvimento”, “Terapia de Esquema”, “Psicologia”, “Terapia Cognitivo-Comportamental” e “Crenças”. Além disso, foi utilizado o operador booleano “and” durante as pesquisas, respectivamente “Estilos Parentais and Saúde Mental”, “Estilos Parentais and Adultos”, “Estilos Parentais and Desenvolvimento”, “Terapia de Esquema and Psicologia”, “Terapia Cognitivo-Comportamental and Crenças” e “Terapia de Esquema and Desenvolvimento”.

Foram adotados como critérios de inclusão artigos de Acesso Aberto publicados entre 2010 e 2026 a fim de contemplar produções recentes e diretamente relacionadas ao tema, em português e disponíveis na íntegra. Como critérios de exclusão foram utilizados, estudos em

língua estrangeira, estudos pertencentes a áreas não relacionadas à Psicologia, bem como produções cujo foco central se distanciava do objetivo desta revisão.

Ao todo, foram identificados 196 artigos e após a aplicação inicial dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 164 artigos. Dos 32 artigos restantes, foram excluídos 7 que estavam duplicados, restando 25. Foi realizada a leitura de títulos e resumos destes artigos, mas nenhum foi excluído. Por fim, foi realizada uma leitura completa e minuciosa dos 25 artigos restantes e, após essa leitura, foram removidos 9 artigos por não contemplarem efetivamente a temática investigada, restando ao final 16 artigos que compuseram o corpus para a revisão narrativa.

O processo de busca está apresentado no fluxograma abaixo, que teve como base o método PRISMA (2020). Embora esse método seja amplamente utilizado em revisões sistemáticas, seu modelo foi utilizado neste estudo como referência organizacional para descrever as etapas de identificação, seleção e análise dos artigos, sem desqualificar o estudo como revisão narrativa da literatura.

Figura 1

Identificação:
- Registros identificados em bases de dados: Portal Capes; 196 artigos encontrados.
- Registros de artigos excluídos: 164 artigos excluídos.
- Registros de artigos selecionados: 32 artigos selecionados.
- Registros de artigos excluídos após remoção de duplicatas: 7 artigos excluídos.
- Registros após remoção de duplicatas: 25 artigos selecionados.
Triagem:

- Registros triados por títulos e resumos: 25 artigos permaneceram selecionados.
- Registros excluídos: 0 artigos excluídos.
Elegibilidade:
- Textos completos avaliados: 25 artigos foram avaliados por completo.
- Textos completos excluídos: 9 artigos foram excluídos após serem avaliados por completo.
- Registros de artigos selecionados após serem avaliados: 16.
Inclusão:
- Estudos incluídos para a composição desse trabalho: 16.

Nota: Fluxograma da pesquisa realizada para a composição do corpus de artigos.

Resultados e Discussão

A análise dos dezesseis artigos selecionados evidencia uma produção científica heterogênea, tanto em termos cronológicos quanto metodológicos. As publicações abrangem o período de 2016 a 2025, com maior concentração de publicações nos últimos seis anos, o que sugere um interesse crescente pelo tema da parentalidade e suas interfaces com o desenvolvimento psicológico, além de uma crescente atenção acadêmica às abordagens cognitivo-comportamentais. Especificamente, identificou-se a seguinte distribuição: um artigo publicado em 2025, quatro artigos em 2023, dois artigos em 2022, um artigo em 2021, um artigo em 2020, quatro artigos em 2019, dois artigos em 2017 e um artigo em 2016.

Do ponto de vista metodológico, há predominância de estudos empíricos ($n = 9$), caracterizados principalmente por delineamentos correlacionais, quantitativos e

comparativos. Entre eles, destacam-se pesquisas que investigam as associações entre estilos parentais e variáveis como autonomia, competências sociais, resiliência, legitimidade da autoridade parental e presença de sintomas emocionais e comportamentais nos filhos.

(Heinen et al., 2025; Mota & Ferreira, 2023; Schapuis & Toni, 2022; Ninomiya, 2019; Mota & Ferreira, 2019; Bordman et al., 2019; Barbosa et al., 2017; Noronha & Batista, 2017; Böing & Crepaldi, 2016).

Outros artigos são teóricos e de revisão de literatura (n = 5), voltados à sistematização de conceitos e à articulação entre diferentes perspectivas psicológicas, como a Terapia Cognitivo Comportamental, a Terapia do Esquema, a Teoria do Apego e contribuições clássicas do desenvolvimento humano, provenientes de estudos de Piaget, Wallon, Vygotsky e Bronfenbrenner. Esses trabalhos buscam ampliar a compreensão acerca dos estilos parentais e suas repercussões no desenvolvimento emocional, social e comunicativo de crianças e adolescentes, além de discutir aplicações teóricas e clínicas relacionadas à parentalidade (Oliveira, Pinheiro & Teodoro, 2023; Silva, Fiamoncini & Satler, 2023; Chaves, 2023; Cardoso & Quevedo, 2021; Sousa & Coelho, 2019).

Por fim, os estudos restantes (n = 2) relatam experiências práticas e psicoeducativas, incluindo grupos de mães, programas de educação parental e intervenções online voltadas à promoção de práticas parentais positivas, evidenciando a preocupação em transformar o conhecimento científico em estratégias aplicáveis ao cotidiano das famílias. (Nascimento, Reis & Manfroí, 2022; Silva et al., 2020).

Na tabela 1 foram apresentados os artigos encontrados contendo nome do artigo, ano de publicação, autores e objetivos, para melhor compreensão do leitor.

Tabela 1

Estudos incluídos na composição do trabalho.

Tabela 1 - Estudos incluídos na composição do trabalho

Título	Ano	Objetivos	Autores
1-Repercussões de sintomas, práticas e estilos parentais nos sintomas emocionais e comportamentais dos filhos.	2025.	Analisar a associação entre os sintomas emocionais dos pais, as práticas parentais punitivas, o estilo parental e os sintomas emocionais e comportamentais nas crianças. Como objetivo secundário, identificar quais variáveis dos pais mais explicam os sintomas das crianças.	Marina Heinen, Joana Alvares, Eduarda Dalpaz, Marcela Nunes Penna e Denise Falcke.
2-A influência dos esquemas iniciais desadaptativos no papel profissional do adulto.	2023.	Pesquisar a relação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos e a forma como o indivíduo desenvolve seu papel profissional, procurando compreender de que forma as crenças disfuncionais do sujeito a respeito de si afetam seu desempenho profissional, a partir de revisão da literatura científica a respeito da Terapia do Esquema.	Laura Evlyn Costa Oliveira, Frederico Miranda Rodrigues Pinheiro e Nayara Rodrigues Teodoro.
3-Efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos: revisão integrativa da literatura.	2023.	Analisar através da revisão integrativa da literatura os efeitos da parentalidade na comunicação das crianças e verificar se existe algum estilo parental com maior impacto na função comunicativa das crianças.	Maria Clara Luciano Silva, Joceli Duarte Fiamoncini e Corina Elizabeth Satler.
4-O papel dos estilos parentais e da personalidade na construção do processo resiliente de adolescentes e jovens adultos.	2023.	Analisar o papel dos estilos parentais e da personalidade no desenvolvimento do processo resiliente em adolescentes e jovens adultos.	Catarina Pinheiro Mota e Sara Ferreira.
5-Uma proposta integrativa entre Piaget, Wallon, Vygotsky e Bronfenbrenner, para aperfeiçoamento dos estilos parentais no desenvolvimento intelectual e formação	2023.	Propor uma integração entre os conceitos de afetividade de Piaget e Wallon e as ideias de interação social de Vygotsky e Bronfenbrenner, a fim de complementar os	Érica Cristina Braga Chaves.

emocional.		estilos parentais e contribuir para o desenvolvimento intelectual, emocional e social das crianças.	
6-Práticas educativas parentais: correlações e associações com as capacidades e dificuldades na infância.	2022.	Investigar quais práticas educativas maternas podem estar associadas e, podem se correlacionar com as capacidades e dificuldades na infância, bem como se o estilo parental pode estar mais associado às capacidades e dificuldades em crianças.	Suelen Lorena Schapuis e Caroline Guisantes de Salvo Toni.
7-Promovendo práticas parentais positivas: avaliação de um modelo interventivo online para pais de adolescentes.	2022.	Avaliar a eficácia de uma intervenção online voltada para a promoção de práticas parentais positivas com cuidadores de adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.	Viviane Martins Sousa Nascimento, Henrique Lima Reis e Edi Cristina Manfroí.
8-Psicoeducação das necessidades básicas emocionais aos pais/cuidadores e relação com habilidades sociais.	2021.	Investigar a respeito da psicoeducação das necessidades básicas emocionais da abordagem Cognitivo-Comportamental focada nos esquemas com intuito de aplicá-la como mais uma ferramenta de auxílio ao desenvolvimento de habilidades sociais de criança ou adolescentes.	Tatiani Justin Witt Cardoso e Rafaela Fava de Quevedo.
9-Aspectos transgeracionais, estilos parentais e maternidade: uma intervenção em grupo para a educação parental.	2020.	Relatar a experiência de grupo de mães quanto às suas vivências, emoções, confortos e desconfortos na criação de seus filhos, analisando aspectos transgeracionais envolvendo o estilo parental e manejo das cuidadoras.	Ana Claudia Pinto da Silva, Pâmela Schultz Danzmann, Paula Argemi Cassel, Michelle Vargas Reginatto e Josiane Lieberknecht Wathier Abaid.
10-Análise Comportamental de padrões parentais a partir da noção de autocontrole e impulsividade.	2019.	Realizar uma análise teórica de estilos/padrões parentais a partir das noções de autocontrole e impulsividade	Bruno Jorge de Sousa e Cristiano Coelho.

		encontradas na literatura da Análise do Comportamento.	
11-Estilo parental em diferentes configurações familiares.	2019.	Identificar o estilo parental predominante e suas repercussões em diferentes configurações familiares, na perspectiva dos genitores e das crianças, que já foram ou estão sendo atendidas em uma Clínica Escola de Psicologia.	Mayara Haruka Sabino Ninomiya.
12-Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos.	2019.	Analisar o papel dos estilos parentais e da personalidade no desenvolvimento das competências sociais dos adolescentes e jovens adultos.	Catarina Pinheiro Mota e Sara Duarte Ferreira.
13-O exercício da parentalidade sob o olhar da Terapia do Esquema e outras contribuições teóricas.	2019.	Compreender o exercício da parentalidade a partir do entrelaçamento de algumas teorias, como Terapia do Esquema, Teoria do Apego e o estudo de Etnoteorias Parentais, e, de que maneira tais compreensões teóricas podem auxiliar o exercício do papel parental para o desenvolvimento saudável da criança.	Grazieli Freitas Bordman, Guilherme Costa, Luisa Kraus Mendes, Rutielle Katiane de Paula, Vanessa Cristina Ehrlich e Maikon de Souza Michels.
14-Autonomia, responsividade/exigência e legitimidade da autoridade parental: perspectiva de pais e adolescentes.	2017.	Comparar a avaliação de pais e filhos no que diz respeito às variáveis autonomia dos filhos, responsividade, exigência e legitimidade da autoridade parental.	Paola Vargas Barbosa, Angélica Paula Neumann, Cássia Ferrazza Alves, Marco Antônio Pereira Teixeira e Adriana Wagner.
15-Escala de forças e estilos parentais: Estudo Correlacional.	2017.	Verificar as correlações entre os estilos parentais quando um cônjuge avalia o outro e as forças de caráter.	Ana Paula Porto Noronha e Helder Henrique Viana Batista.
16-Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais.	2016.	Ampliar a compreensão da temática da criação dos filhos em uma perspectiva relacional-sistêmica, relacionando	Elisangela Böing e Maria Aparecida Crepaldi.

às variáveis dos estilos parentais de pais e de mães, de famílias biparentais com crianças de cinco a sete anos de idade, entre si (estilos materno e paterno) e destas com as variáveis da coparentalidade.

Nota: Tabela utilizada para organização dos estudos incluídos na composição do trabalho.

Os resultados desta revisão narrativa foram organizados em eixos temáticos, definidos a partir da aproximação conceitual dos conteúdos identificados nos estudos analisados.

Assim, foram destacados os seguintes tópicos: Estilos parentais, desenvolvimento infantil e autonomia; Competências sociais, resiliência e pensamento crítico; Formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos e repercussões ao longo do ciclo vital e, Transmissão intergeracional e possibilidades de intervenção. Essa estratégia teve como objetivo sistematizar a apresentação dos achados e proporcionar maior clareza na discussão da literatura.

Estilos parentais, desenvolvimento infantil e autonomia

A análise dos artigos indica que a família ocupa posição central na constituição subjetiva dos indivíduos, configurando-se como o primeiro e mais significativo contexto de desenvolvimento humano. Os estudos analisados demonstram que as experiências vivenciadas no ambiente familiar exercem influência significativa na construção das estruturas cognitivas, emocionais e sociais da criança, repercutindo ao longo de todo o ciclo vital (Böing & Crepaldi, 2016; Chaves, 2023; Silva et al., 2020). Nesse sentido, a criança aprende a conhecer o mundo ao seu redor por meio das interações estabelecidas em seu contexto familiar, sendo este compreendido como o primeiro espaço de socialização, aprendizagem emocional e construção de valores. Assim, a função exercida pela família

torna-se essencial na constituição da identidade do indivíduo, influenciando a formação de sua personalidade, crenças, comportamentos e formas de interpretação da realidade.

Böing & Crepaldi (2016), Chaves (2023) e Silva et al. (2020) destacam que os estilos parentais se organizam a partir da forma como os pais exercem autoridade, estabelecem regras, demonstram afeto e respondem às necessidades emocionais dos filhos. Nesse contexto, o estilo autoritário é caracterizado por elevado controle, rigidez, imposição de regras e baixa responsividade emocional, enquanto o estilo autoritativo associa exigência, afeto, diálogo e orientação.

As contribuições de Piaget, Wallon, Vygotsky e Bronfenbrenner, discutidas por Chaves (2023), também reforçam o papel ativo da criança na construção do conhecimento e evidenciam que o desenvolvimento humano ocorre a partir das relações estabelecidas com o meio social. Dessa forma, a qualidade das interações familiares influencia diretamente o desenvolvimento da criança, além de influenciar a construção de seus referenciais morais.

Heinen et al. (2025), Schapuis & Toni (2022) e Silva et al. (2023) reforçam que práticas parentais coercitivas, punitivas e pouco responsivas estão associadas a dificuldades emocionais e comportamentais na infância. Heinen et al. (2025) identificaram que práticas coercitivas apresentaram elevado poder explicativo para dificuldades emocionais e comportamentais em crianças, enquanto Schapuis & Toni (2022) observaram que punição inconsistente, disciplina relaxada e abuso físico estiveram associados a sintomas emocionais, problemas de conduta e dificuldades de relacionamento.

Nesse sentido, compreende-se que o ambiente familiar pode contribuir tanto para a promoção do desenvolvimento saudável quanto para situações de vulnerabilidade. Quando há responsividade, afeto, comunicação e monitoria adequada, favorece-se o desenvolvimento de competências socioemocionais e maior estabilidade emocional. Em contrapartida, quando predominam invalidação emocional, punição e controle excessivo, há maior probabilidade de

prejuízos emocionais, cognitivos e sociais (Heinen et al., 2025; Schapuis & Toni, 2022; Silva et al., 2023).

A autonomia figura como um dos principais elementos afetados pela qualidade das relações parentais. Ambientes familiares caracterizados por diálogo, escuta, validação emocional e participação gradual dos filhos nas decisões tendem a favorecer o desenvolvimento da autoconfiança, da capacidade argumentativa, da autorregulação emocional e da autonomia reflexiva, características mais próximas do estilo parental responsivo. Por outro lado, contextos de parentalidade autoritária, marcados por rigidez e punição, tendem a limitar essas habilidades (Barbosa et al., 2017; Silva, Fiamoncini & Satler, 2023).

Barbosa et al. (2017) apontam que o desenvolvimento da autonomia está relacionado ao equilíbrio entre regras, afeto, responsividade e participação dos filhos nas decisões que lhes dizem respeito, destacando ainda que a comunicação aberta e afetiva entre pais e filhos favorece o desenvolvimento da maturidade emocional e da capacidade de argumentação durante a adolescência. De forma semelhante, Silva et al. (2023) demonstram que a parentalidade responsiva favorece o desenvolvimento da comunicação e das habilidades sociais, enquanto práticas parentais autoritárias tendem a impactar negativamente o comportamento social e comunicativo dos filhos. Chaves (2023), ao articular contribuições de Piaget, Wallon, Vygotsky e Bronfenbrenner, reforça que o desenvolvimento intelectual e emocional depende da interação entre afetividade, socialização e mediação familiar.

Assim, o autoritarismo parental deve ser compreendido não apenas como um estilo educativo rígido, mas como um padrão relacional que pode limitar experiências importantes para o desenvolvimento da segurança emocional, da autonomia e da expressão subjetiva. Quando a criança cresce em um contexto no qual suas opiniões não são consideradas, há menor oportunidade para desenvolver confiança em seu próprio julgamento, capacidade de

negociação, tomada de decisão e autonomia emocional (Barbosa et al., 2017; Silva et al., 2023).

Competências sociais, resiliência e pensamento crítico

Os estudos analisados indicam que os estilos parentais influenciam significativamente o desenvolvimento das competências sociais, da personalidade e da resiliência. Mota & Ferreira (2019) demonstram que relações parentais mais democráticas se associam a repertórios sociais mais adaptativos, especialmente em dimensões como empatia, assertividade e autocontrole. Esses achados reforçam a importância de práticas familiares que combinem orientação, afeto e abertura à expressão dos filhos.

Mota & Ferreira (2023) ampliam essa compreensão ao indicarem que os estilos parentais e os traços de personalidade podem atuar como fatores de risco ou proteção no desenvolvimento da resiliência em adolescentes e jovens adultos, de forma que ambientes familiares responsivos tendem a favorecer maior capacidade adaptativa diante de situações adversas, enquanto práticas coercitivas e excessivamente rígidas podem fragilizar aspectos relacionados à segurança emocional e à autonomia.

Além disso, as contribuições de Mota & Ferreira (2023), influenciam diretamente o fortalecimento do conceito de pensamento crítico neste trabalho, descrito como uma capacidade relacionada à autonomia cognitiva, à reflexão sobre as próprias escolhas, à argumentação e à avaliação de informações e situações sociais. Noronha e Batista (2017), ao relacionarem estilos parentais e forças de caráter, acrescentaram que a responsividade parental apresentou mais relações com forças positivas do que a exigência. Entre essas forças, o pensamento crítico aparece associado à responsividade, o que permite sustentar, dentro do próprio corpus, que essa capacidade pode ser favorecida por relações parentais mais responsivas e emocionalmente disponíveis.

Dessa forma, compreende-se que contextos familiares autoritários, marcados pela obediência rígida, controle excessivo e baixa validação emocional, podem limitar o desenvolvimento de habilidades relacionadas à autonomia cognitiva, à argumentação e à reflexão crítica. A relação entre autoritarismo parental e pensamento crítico deve ser compreendida, portanto, como indireta, mediada pelo desenvolvimento da autonomia, das competências sociais, da comunicação e da segurança emocional.

Formação de Esquemas Iniciais Desadaptativos e repercussões ao longo do ciclo vital

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), desenvolvida por Aaron Beck, e a Terapia do Esquema (TE), desenvolvida por Jeffrey Young como uma ampliação da abordagem cognitiva, oferecem uma base teórica consistente para compreender como experiências familiares precoces influenciam a formação de crenças centrais e esquemas cognitivos. Os estudos analisados, especialmente Oliveira et al. (2023), Bordman et al. (2019) e Cardoso e Quevedo (2021), reforçam que experiências emocionais vivenciadas no ambiente familiar possuem papel decisivo na construção da percepção que o indivíduo desenvolve sobre ele mesmo e sobre o contexto ao seu redor.

Bordman et al. (2019), ao relacionarem parentalidade, Teoria do Apego e Terapia do Esquema, retomam Young, Klosko & Weishaar (2008) para indicar a existência de cinco necessidades emocionais fundamentais para os seres humanos: vínculos seguros com outros indivíduos; autonomia, competência e sentido de identidade; liberdade de expressão e validação de necessidades e emoções; espontaneidade e lazer; e limites realistas e autocontrole. A satisfação adequada dessas necessidades é compreendida como indispensável para o desenvolvimento psicológico saudável, de modo que práticas parentais caracterizadas por rigidez, invalidação emocional, punição e baixa responsividade dificultam esse processo, favorecendo o desenvolvimento de padrões cognitivos desadaptativos.

Segundo Beck (1976), discutido em Oliveira et al. (2023), um esquema pode ser definido como "um conjunto de crenças estruturadas e inter-relacionadas que guiam o sujeito na maneira como este interpreta e age diante dos acontecimentos de sua vida". De forma complementar, Knapp et al. (2004), como citado em Bordman et al. (2019), descrevem os esquemas como estruturas cognitivas compostas por crenças enraizadas que os indivíduos desenvolvem acerca de si mesmos, das outras pessoas e do mundo.

Young ampliou esse conceito ao incluir emoções, sensações corporais e memórias, compreendendo os esquemas como "padrões emocionais e cognitivos autoderrotistas iniciados em nosso desenvolvimento desde cedo e repetidos ao longo da vida" (Young, Klosko & Weishar, 2008, como citado em Bordman et al., 2019). A partir dessas definições, entende-se que os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) são padrões emocionais, cognitivos e comportamentais disfuncionais aprendidos durante a infância como forma de adaptação frente a necessidades emocionais primárias não supridas. Inicialmente, funcionam como estratégias de sobrevivência emocional; entretanto, ao permanecerem até a vida adulta, tornam-se padrões desadaptativos, gerando interpretações equivocadas da realidade e favorecendo distorções cognitivas e comportamentos disfuncionais.

A Teoria do Apego, formulada por John Bowlby, também contribui significativamente para essa compreensão. Halperin & Carneiro (2016), discutidos em Bordman et al. (2019), destacam que Mary Ainsworth categorizou padrões de apego em seguro, inseguro ansioso/ambivalente e inseguro evitativo, posteriormente ampliados por Main & Solomon com o apego desorganizado. Essas experiências de apego influenciam diretamente a construção das estruturas cognitivas e emocionais do indivíduo.

Embora grande parte dos estudos analisados tenha como foco a infância e a adolescência, os achados permitem discutir repercussões ao longo de todo o ciclo vital. Barbosa et al. (2017) demonstram que a autonomia adolescente depende de um equilíbrio

entre afetividade, exigência e legitimidade da autoridade parental, enquanto Mota & Ferreira (2019; 2023) mostram que os estilos parentais se relacionam com competências sociais, personalidade e resiliência em adolescentes e jovens adultos.

Os EIDs desenvolvidos na infância podem permanecer ativos na vida adulta, influenciando relações afetivas, escolhas profissionais e formas de enfrentamento emocional. Estudos mencionados no corpus apontam repercussões em relacionamentos interpessoais (Paim & Falcke, 2018), dependência química (Lima & Ferreira, 2015) e transtornos mentais associados a padrões cognitivos desadaptativos (Sales & Palma, 2021), citados em Oliveira et al. (2023). Amplia-se também essa discussão ao abordarem como crenças e esquemas cognitivos podem influenciar o bem-estar no trabalho, o desempenho profissional e a percepção que o indivíduo desenvolve sobre suas funções sociais, discorrido também por Oliveira et al. (2023).

É importante destacar, entretanto, que não se deve afirmar que o estilo parental autoritário determina diretamente a ausência de pensamento crítico ou autonomia na vida adulta. O mais adequado é compreender que tais práticas podem favorecer limitações ao desenvolvimento autonomia cognitiva e emocional, especialmente quando associadas à baixa responsividade, limitação do diálogo, punição e invalidação emocional.

Transmissão intergeracional e possibilidades de intervenção

Os estudos analisados também indicam que os estilos parentais podem ser compreendidos a partir de uma perspectiva transgeracional. Silva et al. (2020) apontam que muitas práticas educativas são influenciadas pelas experiências vividas pelos próprios cuidadores em sua infância, podendo ser reproduzidas ou modificadas ao longo das gerações. Assim, o autoritarismo parental não deve ser compreendido apenas como uma prática isolada, mas como um padrão relacional aprendido e repetido ao longo das gerações familiares.

Sousa & Coelho (2019) contribuem para essa análise ao discutirem padrões parentais relacionados ao autocontrole e à impulsividade, demonstrando que determinadas práticas educativas podem favorecer escolhas parentais imediatas, como o uso da punição, em detrimento de estratégias mais reflexivas. Ninomiya (2019), ao investigar estilos parentais em diferentes configurações familiares, reforça a importância de compreender como tais práticas se manifestam em contextos familiares diversos.

No campo das intervenções, Nascimento et al. (2022), ao avaliarem intervenções online voltadas para práticas parentais positivas, observaram mudanças qualitativas na comunicação entre cuidadores e adolescentes. Cardoso & Quevedo (2021) reforçam a importância da psicoeducação das necessidades emocionais básicas para pais e cuidadores, especialmente pela relação desse processo com o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças e adolescentes. Assim, compreende-se que intervenções parentais e ações psicoeducativas podem contribuir para romper ciclos de rigidez, punição e baixa responsividade, favorecendo práticas mais dialógicas, afetivas e promotoras de autonomia.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar de que maneira o estilo parental autoritário influencia na construção de crenças e no desenvolvimento do pensamento crítico ao longo da vida do indivíduo, buscando compreender, a partir da literatura científica, como práticas parentais marcadas por rigidez, controle excessivo, punição e baixa responsividade emocional repercutem no funcionamento cognitivo, emocional e comportamental dos indivíduos. Além disso, buscou-se identificar os principais estilos parentais descritos na literatura, com ênfase no estilo autoritário, bem como compreender seus efeitos no desenvolvimento infantil e suas influências durante a adolescência, juventude e vida adulta.

Diante dos resultados encontrados, considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que a revisão permitiu identificar relações teóricas e empíricas entre práticas parentais autoritárias e prejuízos associados à autonomia, à autorregulação emocional, à formação de crenças disfuncionais e à limitação do pensamento reflexivo.

Os achados evidenciaram que o ambiente familiar exerce papel fundamental na constituição emocional, cognitiva e social do indivíduo, sendo os estilos parentais importantes mediadores desse processo. Observou-se que o estilo parental autoritário, caracterizado pelo elevado nível de exigência, controle rígido, centralização da autoridade e baixa abertura ao diálogo, tende a favorecer contextos marcados pelo medo, pela invalidação emocional e pela obediência excessiva. Nesse cenário, a criança frequentemente aprende a organizar seus comportamentos a partir da evitação da punição e da necessidade de aprovação, em detrimento da construção da autonomia emocional e cognitiva.

A análise dos estudos demonstrou que essas práticas coercitivas estão associadas ao desenvolvimento de insegurança, ansiedade, baixa autoestima, dificuldades de socialização e prejuízos na regulação emocional, além de dificultarem experiências relacionadas à argumentação, validação emocional e elaboração simbólica; aspectos fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico. Dessa forma, a limitação da liberdade de expressão e da participação ativa da criança nas relações familiares tende a comprometer sua capacidade de questionamento, tomada de decisão e posicionamento diante de figuras de autoridade e situações sociais.

Sob a perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental e da Terapia do Esquema, os resultados também permitiram compreender que experiências precoces marcadas por invalidação emocional, controle excessivo e punição favorecem a formação de crenças centrais disfuncionais e de Esquemas Iniciais Desadaptativos relacionados à incompetência, submissão, medo de errar e necessidade excessiva de aprovação. Tais padrões cognitivos

podem permanecer ao longo da vida adulta, influenciando relações interpessoais, desempenho profissional, autoestima e funcionamento emocional. Ademais, os estudos revisados apontaram que o autoritarismo parental pode contribuir para a reprodução transgeracional de práticas educativas baseadas no medo e na rigidez, perpetuando modelos relacionais disfuncionais ao longo das gerações.

A presente revisão também evidenciou limitações importantes na literatura científica acerca da temática. Observou-se escassez de estudos que investiguem diretamente, de maneira integrada, a relação entre o estilo parental autoritário, a formação de crenças cognitivas e o desenvolvimento do pensamento crítico na vida adulta, com predominância de abordagens fragmentadas e número reduzido de pesquisas empíricas voltadas para os efeitos cognitivos de longo prazo do autoritarismo parental. Destaca-se ainda a escassez de investigações que considerem fatores socioculturais, econômicos e contextuais relacionados às práticas parentais e à construção do pensamento crítico, indicando a necessidade de maior aprofundamento científico sobre essas variáveis.

Diante disso, sugere-se que pesquisas futuras busquem investigar, de maneira mais específica e empírica, essa relação, especialmente sob a perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental e da Terapia do Esquema. Recomenda-se ainda a realização de estudos longitudinais que acompanhem os impactos das práticas parentais ao longo do desenvolvimento humano, bem como investigações que explorem os mecanismos cognitivos e emocionais envolvidos na formação de crenças centrais e na limitação da autonomia reflexiva, e que ampliem o conhecimento acerca de estratégias de intervenção psicológica e psicoeducação parental voltadas à promoção de práticas mais responsivas, dialógicas e emocionalmente validadoras.

Por fim, conclui-se que o estilo parental autoritário pode exercer influência relevante na constituição emocional e cognitiva dos indivíduos, especialmente quando associado ao

controle excessivo, à baixa responsividade emocional, à punição e à limitação do diálogo. Os achados reforçam a importância das relações familiares na formação de padrões cognitivos, emocionais e comportamentais duradouros, evidenciando que práticas parentais baseadas na validação emocional, na comunicação e no incentivo à autonomia podem favorecer o desenvolvimento psicológico saudável. No entanto, a relação entre autoritarismo parental, formação de crenças e pensamento crítico na vida adulta deve ser compreendida como uma articulação teórica sustentada pelos estudos analisados, e não como uma relação causal diretamente comprovada pela literatura revisada.

Referências

Barbosa, P. V., Neumann, A. P., Alves, C. F., Teixeira, M. A. P., & Wagner, A. (2017).

Autonomia, responsividade/exigência e legitimidade da autoridade parental:

Perspectiva de pais e adolescentes. *Psico-USF*, 22(1), 23–34.

<https://doi.org/10.1590/1413-82712017220103>

Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: Compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 59, 17–33.

<https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>

Bordman, G. F., Costa, G., Mendes, L. K., Paula, R. K. de, Ehrlich, V. C., & Michels, M. de S. (2019). O exercício da parentalidade sob o olhar da Terapia do Esquema e outras contribuições teóricas. *Destaques Acadêmicos*, 11(3), 41–58.

<https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v11i3a2019.2113>

Cardoso, T. J. W., & Quevedo, R. F. de. (2021). Psicoeducação das necessidades básicas emocionais aos pais/cuidadores e relação com habilidades sociais. *Temas em Educação e Saúde*, 17, e021004. <https://doi.org/10.26673/tes.v17i00.14410>

- Cavalcante, L. T. C., & Oliveira, A. A. S. de. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, 26(1), 83–102.
- Chaves, É. C. B. (2023). Uma proposta integrativa entre Piaget, Wallon, Vygotsky e Bronfenbrenner, para aperfeiçoamento dos estilos parentais no desenvolvimento intelectual e formação emocional. *Revista Formadores: Vivências e Estudos*, 16(1), 20–34. <https://doi.org/10.25194/rf.v16i1.1628>
- Heinen, M., Alvares, J., Dalpaz, E., Penna, M. N., & Falcke, D. (2025). Repercussões de sintomas, práticas e estilos parentais nos sintomas emocionais e comportamentais dos filhos. *Revista Psicologia e Saúde*, 17, e17092028. <https://doi.org/10.20435/pssa.v1i1.2028>
- Mota, C. P., & Ferreira, S. (2023). O papel dos estilos parentais e da personalidade na construção do processo resiliente de adolescentes e jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 75, e003. <https://doi.org/10.36482/arb.p.v75i1.19397>
- Mota, C. P., & Ferreira, S. D. (2019). Estilos parentais, competências sociais e o papel mediador da personalidade em adolescentes e jovens adultos. *Análise Psicológica*, 37(3), 269–284. <https://doi.org/10.14417/ap.1548>
- Nascimento, V. M. S., Reis, H. L., & Manfroí, E. C. (2022). Promovendo práticas parentais positivas: Avaliação de um modelo interventivo online para pais de adolescentes. *Psicologia Argumento*, 40(111), 2496–2521. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.40.111.AO07>
- Ninomiya, M. H. S. (2019). *Estilo parental em diferentes configurações familiares* [Relatório final de iniciação científica, Centro Universitário de Brasília].
- Noronha, A. P. P., & Batista, H. H. V. (2017). Escala de forças e estilos parentais: Estudo correlacional. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(2), 2–19. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2016v8n2p02>

- Oliveira, L. E. C., Pinheiro, F. M. R., & Teodoro, N. R. (2023). A influência dos esquemas iniciais desadaptativos no papel profissional do adulto. *Revista Visão: Gestão Organizacional*, 12(2), e3238. <https://doi.org/10.33362/visao.v12i2.3238>
- Schapuis, S. L., & Toni, C. G. S. (2022). Práticas educativas parentais: Correlações e associações com as capacidades e dificuldades na infância. *PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, 11(2), 81–93. <https://doi.org/10.55388/psicofae.v11n2.393>
- Silva, A. C. P. da, Danzmann, P. S., Cassel, P. A., Reginatto, M. V., & Abaid, J. L. W. (2020). Aspectos transgeracionais, estilos parentais e maternidade: Uma intervenção em grupo para a educação parental. *Research, Society and Development*, 9(7), e255973805. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3805>
- Silva, M. C. L., Fiamoncini, J. D., & Satler, C. E. (2023). Efeitos da parentalidade na comunicação dos filhos: Revisão integrativa da literatura. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(6), 370–386. <https://doi.org/10.51891/rease.v9i6.10183>
- Sousa, B. J. de, & Coelho, C. (2019). Análise comportamental de padrões parentais a partir da noção de autocontrole e impulsividade. *Estudos Vida e Saúde*, 46(1), 65–80. <https://doi.org/10.18224/evs.v46i1.7243>